

Nos bastidores da Festa: o Reisado de Congo e a dinâmica das relações entre os grupos populares e os poderes públicos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha

Simone Pereira da Silva
Renata Marinho Paz

A região do Cariri, situada ao sul do Estado do Ceará, na confluência entre Pernambuco, Paraíba e Piauí vem atraindo, ao longo de sua história, habitantes das mais diversas localidades nordestinas. Este aspecto de convergência torna a região um espaço de afluência que resulta num caleidoscópio de práticas sócio-culturais, com uma infinidade de saberes, ofícios, celebrações e formas de expressão, formando um caldo composto pelas diferentes faces de uma parcela expressiva da população brasileira.

Dentre a infinidade de bens culturais imateriais que constituem o Cariri como “caldeirão da cultura popular”, destaca-se a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. Devido a sua grandiosidade, visibilidade e, sobretudo, pelo forte simbolismo e pela identificação do povo barbalhense com ela, a Festa desempenha um papel primordial não só para a localidade, mas para o Cariri como um todo. Assumindo contornos de um fato social total (Mauss, 2003), envolve elementos de ordem religiosa, econômica, política, cultural e identitária, sendo quase um sinônimo da cidade.

Durante a festa, há uma mobilização significativa dos moradores da localidade em torno das aproximadamente trezentas e cinquenta mil pessoas, entre turistas, amigos e familiares que retornam à cidade, bem como moradores de outros municípios caririenses, que afluem sobretudo no dia do carregamento e hasteamento do Pau de Santo Antônio.

Este dia é o ponto alto da festa. As comemorações alusivas a Santo Antônio de Pádua, padroeiro da cidade, que são iniciadas em meados de maio com o corte da árvore que se tornará o pau da bandeira de Santo Antônio, adquirem proporções expressivas no dia da abertura, momento em que ocorre o carregamento e o hasteamento do pau da bandeira do santo em frente à igreja matriz de Santo Antônio.

Na manhã do dia da abertura, a cidade se mobiliza para o desfile dos grupos de folguedos, instituído pela prefeitura do município em 1973, com a finalidade de “resgatar” e “preservar” as manifestações populares da localidade. A celebração do

cortejo realizada na manhã do último domingo de maio ou no primeiro domingo de junho, dia dedicado ao Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira, reúne diversas manifestações culturais existentes em Barbalha. Reisados, quadrilhas, penitentes, dança do coco, bandas cabaçais, entre outros grupos “folclóricos” participam, na Matriz de Santo Antônio, de uma celebração paralitúrgica, ocasião em que representantes dos grupos ofertam ao padroeiro os produtos agrícolas e industriais de Barbalha. Após este culto, desfilam pela Rua da Matriz, passando pela Rua do Vidéo até o Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, abrilhantando a festa. Nesse espaço, são observados, entrevistados, fotografados e festejados por milhares de pessoas.

Num primeiro momento, a Festa se apresenta como uma grande celebração do povo barbalhense, um momento de valorização da identidade e da cultura local. A atuação dos poderes públicos municipais no sentido da arregimentação através da concessão de subvenções via cachês, vestimentas e transporte aos grupos, para que estes possam figurar nas apresentações, visa, sobretudo, fazer com que o cortejo, assim como toda a festa, apareça aos olhos do espectador como um grande espetáculo popular em que todos os atores sociais agem de forma harmônica, sendo orquestrado principalmente pela prefeitura e pela igreja.

Contudo, parafraseando Eade e Sallnow (1991), quando o povo converge, os sentidos colidem. Esta ação do município, associada a políticas estaduais de valorização do patrimônio, como o programa Mestre da Cultura instituído pela Lei Nº 13.351, de 22 de agosto de 2003¹, ao mesmo tempo em que pretende reconhecer, valorizar e dar condições de subsistência e perpetuação aos mestres, aos grupos, e aos seus ofícios e expressões, acaba gerando também um acirrado campo de disputas entre eles.

Neste artigo pretendemos analisar as relações que vem sendo estabelecidas entre os grupos de reisado de congo em Barbalha, e entre estes e o poder público municipal, buscando lançar algumas luzes e fazer algumas reflexões acerca da movimentação das relações de força entre eles em torno do reconhecimento e da obtenção de vantagens e recursos. Em outras palavras, a análise das relações entre os grupos de reisado atuará como “mote” para a leitura dos bastidores da festa, considerando a necessidade de compreensão das recentes forças que a vem engendrando.

Atualmente existem seis grupos de reisado naquele município. Os grupos em geral são compostos por dezoito integrantes cada, sendo que, em Barbalha, são formados por crianças e adultos do sexo masculino.

Sua estrutura é composta por personagens fixos - simbolizados pelos atores/dançarinos denominados brincantes que, acompanhados por uma banda cabaçal ou um violeiro, encenam peças e embaixadas durante a apresentação do folguedo - e móveis, representada pelos entremezes que são atos performáticos interpostos entre as execuções da parte principal (Silva, 2011, p. 35).

Conforme Cascudo (1988), este folguedo faz parte do teatro tradicional popular, e constitui-se de encenações públicas de combates travados entre os grupos participantes, que simulam ações guerreiras, com choques de espadas, além de executarem bailados, tudo isso marcado pela agilidade e pelo acompanhamento de músicas improvisadas.

Este auto popular brasileiro, de acordo com Oswald Barroso, surgiu da fusão do folguedo Reis de Congo “com o Bumba-meu-boi e outros Ranchos de Animais” (1996, p. 14). Conforme Câmara Cascudo (1988), sua motivação seria africana, e teria presença nas regiões Norte, Centro e Sul do país. Ainda segundo Barroso, “[...] no cortejo e na coroação real, estão as antigas “reinagens” e “impérios” da Europa Medieval, bem como os faustos das antigas monarquias africanas; nas batalhas, estão reminiscências tanto das bravuras de Carlos Magno e seus pares quanto das lutas entre antigos reinos africanos [...]” (Cascudo, 1988, p. 61).

Essa concepção está embasada nos conhecimentos históricos transmitidos pelos escravos associados às confrarias do Rosário, santa protetora dos negros, e pela lendária história do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França (Meyer, 1995, p. 97), e que inclusive serviu de referência para a elaboração da “Batalha de Oliveiros com Ferrabrás” de Leandro Gomes de Barros (1913), cordel amplamente comercializado no Nordeste e apropriado pelos mestres, atuando como enredo das embaixadas.

Oswald Barroso segue afirmando que, no Ceará, o aparecimento do reisado de congo teria se dado mediante a presença dos Congos e do Bumba-meu-boi que são antigos “[...] datando seu aparecimento provavelmente do início do século XVIII. Aqui

chegaram junto com as entradas do gado, não só a partir de Pernambuco, como da Bahia” (Barroso, 1996, p. 46).

Segundo o historiador Irineu Pinheiro, em Barbalha, por volta do século XIX já existiria “entre os homens de cor” a festa dos reis de congo, momento em que ocorriam apresentações de reisados pelos escravos, que possivelmente fariam parte da Irmandade do Rosário, fundada em 1860 (Pinheiro, 1963, p. 534).

Além dessas interpretações, outras foram agregadas à prática. Como foi o caso da suposta espada de Dom Pedro II, pertencente atualmente ao mestre Luís Tomé. Para Silva (2011), a referida espada pode ser uma tática utilizada pelos brincantes para afirmar a superioridade do grupo ou pode remeter às representações construídas durante o período Imperial, que utilizavam as cortes simbólicas do congo para disseminar pelo país o poderio do Império Brasileiro.

Tradicionalmente, as apresentações duram todo um dia, e variam conforme o lugar em que ocorrem. Se, por exemplo, ocorrer em uma igreja ou nas salas das casas onde está o Sagrado Coração de Jesus, por ocasião das Renovações, a dança é uma marcha ou uma valsa. Se o tema é a batalha, conhecida também como quilombo, é dançado baião, forró, xote ou manduca, exigindo mais habilidade e agilidade dos movimentos. Nota-se que o espaço determina a postura e a performance corporal a ser desempenhada.

O espetáculo vai começar: a introdução do cortejo dos grupos folclóricos na abertura da Festa

Na década de setenta do século passado, mais precisamente em 1973, durante a gestão do prefeito Fabriano Sampaio – “oficial do Exército reformado, tendo se formado na Escola Preparatória de Cadetes, em Fortaleza e na Academia de Agulhas Negras, no Rio de Janeiro” (Souza, 2000, p. 56), pode-se afirmar que ocorreu uma expressiva mudança de rumos na festa de Barbalha. Em sintonia com a proposta do governo militar brasileiro, que naquele contexto objetivava, entre outros aspectos, fomentar um sentimento nacionalista fundado na valorização do que era considerado como tradição e como cultura popular, a prefeitura municipal introduziu uma série de modificações na festa, entre elas a realização do desfile dos grupos folclóricos no dia da abertura dos festejos dedicados a Santo Antônio.

A par da introdução deste cortejo, encetou-se um esforço de valorização e preservação do “folclore” e da cultura popular da localidade, através de pelo menos três tipos de ação que, não raro, podem ser observadas de forma concomitante: o “resgate” de algumas formas de expressão que já estavam em processo de desuso; a ressignificação de algumas práticas, que vem passando por um processo intenso de mudanças face aos sentidos que antes lhe eram atribuídos. Por último, mas não menos importante, um crescente processo de espetacularização das apresentações.

Um exemplo notável dessas mudanças pode ser percebido com o grupo de penitentes “Irmandade da Cruz” de Barbalha. A prática da autoflagelação foi introduzida no Cariri em fins do século XIX, durante a epidemia de Cólera Morbo que dizimou grande parte da população dessa região (Bezerra, 1999, p. 40-41), sendo que um de seus principais divulgadores teria sido o Padre Ibiapina. A autora ainda acrescenta que, à noite, padres e leigos reuniam-se nas proximidades das capelas ou em locais desertos, para iniciar as práticas de penitência tendo como principal propósito o pedido de perdão a Deus pelos pecados, já que se acreditava que a epidemia de Cólera Morbo era resultado dos pecados cometidos pelo povo. Como as reuniões eram secretas, o grupo não era conhecido pela população local. Tal era o sigilo que, muitas vezes, só se descobria que um homem era um penitente no seu velório, já que existia um ritual e uma vestimenta especial para os componentes do grupo. As únicas pessoas que poderiam conhecer a identidade dos componentes eram suas esposas, que eram proibidas de explicitar esse fato a outrem.

Em meados dos anos 70 do século passado, os grupos de cultura popular de Barbalha foram levados para participar do cortejo da Festa de Santo Antônio, uniformizados com vestimentas doadas pela Secretaria de Cultura do município e recebendo uma pequena remuneração. Desde então, todos os anos os penitentes desfilam no cortejo e participam da missa de abertura da Festa de Santo Antônio. Assim, esse grupo, que antes se reunia para a realização de rituais religiosos secretos, passa a se apresentar em diversos eventos, com remuneração, tais como o Palco Giratório, Mostra de Tradição Popular e Terreiradas, promovidos pelo SESC e, mais notavelmente, a apresentação em 2006 no desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro, pela Estação Primeira de Mangueira. Sobre este aspecto, Patrícia Bezerra afirma que:

Em contrapartida, os desdobramentos que relacionam sua participação, em 2006, no desfile da escola de samba carioca Unidos da Mangueira [sic] trazem à tona jogos e negociações políticas com as quais o penitente se envolvera naquele contexto. Suas atitudes em face desta nova postura assumida parecem ter tomado um ar mais brando e até mesmo maleável. *Joaquim Mulato explica que o assédio dos repórteres e a necessidade de divulgar o ritual como uma manifestação cultural os obrigou a mostrar a cara. No último carnaval, Mulato desfilou pela mangueira.* Essa participação gerou discussões em diferentes veículos informativos a respeito, principalmente, do caráter “profano” suscitado pela manifestação carnavalesca, destoando assim da “pureza” de suas práticas religiosas (Bezerra, 2010, p. 136. Grifos da autora).

São em episódios como esse que se evidenciam as negociações que se estabelecem entre os componentes dos grupos populares, como no caso supracitado, com os poderes políticos locais.

Outro exemplo dessas mudanças, e de como elas findaram produzindo alterações significativas nas formas de expressão podem ser percebidas com a Dança de São Gonçalo, na medida em que sua dimensão simbólica acabou sendo rapidamente eclipsada. Antes realizada no sítio Barro Vermelho, em devoção ao santo, agora é realizada por alunas do ensino fundamental, treinadas na escola do lugarejo, com a finalidade de participar do cortejo, perdendo sua face religiosa para, cada vez mais, se tornar “coisa para turista ver”.

As escolas de Barbalha são grandes divulgadoras e incentivadoras das manifestações culturais. Tanto que nos últimos anos têm contratado mestres como Antônio José da Silva do Reisado de Congo do Alto do Rosário, a formar grupos e ensinar as crianças a brincar. Conforme Antônio Silva,

Eu tenho outro Reisado lá na escola que eu ensino. Lá no Josefa. Eu ensino noutro Reisado lá no Josefa, Josefa Alves. Ensino lá também, eu sou mestre aqui e sou mestre lá. Lá é só mulher, só garota de 13 a 14 ano. [...] Eu to pa 4 ano que eu ensino lá [risos]. [...] O mesmo que eu ensino o meu ensino elas lá. Ensino a dança, ensino o jogo de espada, os velso, tudo eu ensino. Elas são cabeça meia dura por que eu num posso... hoje em dia nem o professor pode jogar muito pesado em cima do aluno que ele... Tem que ir com calma. Ajeitano. Menino é assim, menino é assim, não eu vou pra aqui, não vamo pra cá. Até que dá certo. No dia do Pau tá todo mundo pronto (Silva, 2011, p. 87).

É neste mesmo contexto que vão ocorrer transformações significativas nas apresentações do reisado de congo. Estas se tornam mais curtas, com duração de cerca de quinze a vinte minutos, de modo a atender às necessidades dos eventos nos quais passam a figurar como atrações. Esta restrição temporal tem como resultado a marginalização de alguns personagens, como os bichos (guriabá, jentí, dentre outros), ou mesmo a rainha, o que resulta em perda não só de personagens, mas também do sentido das encenações por parte dos brincantes. As dimensões lúdicas, experienciais ou sócio-religiosas dessas formas de expressão vão, aos poucos, cedendo lugar ao espetáculo, à busca por visibilidade e reconhecimento em termos de capital simbólico e material.

O espetáculo passa a enfatizar a parte dramática das embaixadas e as músicas improvisadas pela capacidade de se adequarem ao pouco espaço de tempo da apresentação e por sua grande atratividade diante do público. Eram por meio das músicas a serem utilizadas nos quilombos e nas competições dos Festivais de Folclore, que ocorreram na região nos anos 70², que os brincantes conseguiam efetuar seus elogios ou críticas aos envolvidos no espetáculo.

Outro aspecto da maior relevância diz respeito a algumas situações paradoxais, derivadas deste processo de espetacularização das apresentações das formas de expressão que figuram no desfile dos grupos de folguedos em Barbalha: ao mesmo tempo em que essa mudança introduzida nos anos 70 visava valorizar as expressões folclóricas da localidade, conferir uma visibilidade maior e, conseqüentemente, atrair um número crescente de visitantes e turistas, tornando a festa um evento regional. Esse mesmo esforço de valorização acabou gerando um acirramento das disputas entre os grupos em torno da obtenção de subvenções, prêmios e outras vantagens, sobretudo de ordem material.

No caso específico dos grupos de reisado, trata-se de um campo de forças bastante tensionado. Historicamente, as disputas entre os grupos se davam, sobretudo, para saber quem era o mais forte, mais habilidoso com manejo da espada, quem sabia guerrear melhor. Em outras palavras, as disputas se davam em torno da afirmação e do reconhecimento de habilidades vinculadas ao reisado. Não que atualmente esses aspectos sejam desconsiderados, ao contrário. Diversos recursos, inclusive retóricos, são utilizados pelos mestres de Barbalha para afirmar sua sabedoria e preparação, e com

isso marcar o espaço distintivo de seu reisado face aos demais e, ao mesmo tempo, rebaixá-los. A fala de Luís Tomé da Silva, conhecido como mestre Luís Bocão é, nesse sentido, muito elucidativa:

E ota que tem a paixão que você tem fazer melhor [...] Melhor pra ver se tu ganha dos outro, como é que ganha dos outro? É enfeitado, é trabalhar bem, é responder bem, é saber fazer bem e aí vai [...]. Eu passei oito anos sem brincar Reisado na cidade [...]. Aqui na Barbalha sou nascido e criado. Aí o pessoal ainda hoje diz: Barbalha deixou de ser feliz, porque toda festa vê o Reisado de Luís, tem oito ano que ele foi parado, acabou-se Barbalha, ninguém vê o Reisado mais de Luís. Aí eu vou e respondo: voltou de novo novamente, o ano passado e esse ano tem resultado, Barbalha é tudo feliz, é tanta gente na avenida vendo o Reisado de Luís. E é por isso que eu continuo brincando, ganhando folclore, ganhando troféu (Silva, 2011, p. 76).

Além do esforço afirmativo e hierarquizante, há uma série de aspectos que devem ser considerados nas relações que são estabelecidas nesse campo. Entre eles destaca-se o fato de que a concorrência entre os grupos

[...] garante a reprodução da estrutura social em que os membros das chamadas classes dominadas ‘entram nessa espécie de corrida de perseguição’ (Bourdieu, 2008, p. 159) a fim de obter a legitimidade visada pelos seus perseguidores.

Em meio a essa competição também pode ocorrer o que o historiador francês Michel de Certeau chama de ‘trampolinagem’, que se refere às várias formas de jogar e desfazer ‘o espaço instituído por outros’ (Certeau, 1994, p. 79). Nessa perspectiva, os brincantes que achavam que não tem um lugar apropriado para estar passaram a fazer uso de determinados golpes na tentativa de destituir o outro e, dessa maneira, construir e legitimar seu próprio grupo (Silva, 2011, p.79).

Essa “corrida de perseguição” a que alude Bourdieu revela no detalhe a urdidura dessa complexa trama que enreda os grupos em Barbalha. Ao disputar o espaço de legitimação instaurado pelos poderes públicos, sejam eles municipais ou estaduais, através da obtenção de cachês, subvenções, premiações, etc. (e não é possível deixar de atentar para o fato de que, em sua maioria, essas pessoas possuem baixo nível de renda), os brincantes não só aceitam, mas, em boa medida, aderem e legitimam as regras do jogo, gerando um ainda mais acirrado campo de disputas que, por sua vez, provoca uma ressignificação das próprias práticas, por vezes percebidas como apresentações

realizadas por artistas, onde o interesse e o vínculo financeiro tornam-se evidentes. De acordo com Olímpio Ludugério

Num tinha tanto do artista que tem hoje né, hoje todo mundo quer ser artista. Aí uma parte entende o que é artista, mais outra não entende. [...] Muitos que tá participando na Barbalha não sabe de nada. Só vai só mó de ganhar dinheiro da prefeitura (Silva, 2011, p.79).

No relato é possível perceber que o ex mestre tem uma percepção diferenciada dos envolvidos no desfile dos grupos pois, para ele, todos são artistas. Essa compreensão é compartilhada por outro brincante, o Mestre Antônio José da Silva. Segundo ele,

Em todo Estado, de onde tiver mundo vem gente pra assistir essa festa aqui no dia desse pau. Quer dizer, só faz isso o folclore. Dia de reis... dia da festa do pau da bandeira aqui, a gente num pode nem anda com tanto fotógrafo tirando foto da gente. Se fosse... Antônio eu to te pagando reportagem que tu faz, esse quarto aí era chei de dinheiro (risos), pela festa (Silva, 2011, p. 88-89).

Veja que o brincante percebe o potencial econômico e midiático exercido pelos grupos. Se pudessem cobrar pelas entrevistas realizadas, o poder aquisitivo seria melhor. Essa visão empreendedora, se é que possível chamar assim, levou outros a buscar meios de divulgar e registrar seus ofícios e saberes. Foi o caso de Serginaldo Gomes:

Eu tenho um vizinho aqui João Hilário, como a gente já até gravou um dvdzim, uma coisinha assim. Foi simples né, num foi uma coisa que dissesse: nossa como ele sabe né. Que foi pego a gente de surpresa aqui, João Hilário pediu que viesse filmar a gente aqui, gravar, gravemo³.

A ideia de elaborar um DVD de divulgação e registro do grupo de reisado foi assimilada por outros brincantes. Esse foi o caso do mestre Francisco Belizário:

Eu tenho cinquenta e oito aí gravada [música]. Tem três CD, gravei uma em Santana do Cariri, gravei outro aqui, gravei outro lá em Antônio Sampaio, tá aí. Tem até o Cd aí. Tem no Rio de Janeiro, tem no São Paulo, pra todo canto já foi. CD não. É DVD. [...] Essa semana eu já tirei cópia de três, foi pro Pernambuco o menino veio buscar.⁴

Observa-se então que as ações que visam incrementar a Festa, através do fomento às formas de expressão, acabam sendo um Jano de duas faces, na medida em que a instituição do que Silva (2010) denomina de “jogo das apresentações”, ao tempo em que atua estimulando essas manifestações, também gera um intenso campo de criações, reapropriações, manipulações e disputas entre os grupos e mestres. É importante salientar também que essa relação de interdependência dos grupos com os poderes públicos, notadamente os municipais, ao longo dessas últimas quase quatro décadas, findou gerando uma excessiva vinculação dos grupos com a prefeitura. É ela quem agencia viagens e apresentações, compra do material para a confecção de roupas, calçados, instrumentos rituais e musicais, etc., além de ter contribuído ativamente para que muitas práticas culturais fossem rapidamente transformadas. É o caso das roupas utilizadas pelos brincantes do reisado do sítio Lagoa.

Começaro deixar de brincar por que era de saia num quizerio mais, arranjava as namorada e num queria a saia. Aí eu fui e inventei fazer o short e o cinto cobrindo tudo né, um cinto de fita, aí foi que me apoiaro mais. Mas se não, num tinha mais nem brincadeira não. [...]

Foi de dois mil e um pra cá. Já, mas por enquanto tá mais só o meu (Francisco Belizário dos Santos, 17 jan. 2010)⁵.

Vale ressaltar que a oposição ao uso de saia pelos integrantes do reisado de congo de Barbalha levou o mestre Tico Neves a adequar as indumentárias. O short passou então a ser utilizado como manobra de atração e permanência dos participantes. Para não destoar tanto dos demais grupos, o brincante criou um cinto com fitas dispostas verticalmente de forma a criar uma imagem de saia.

Além de terem que modificar as roupas, ainda são obrigados a lidar com o choque de interesses entre os brincantes e deste com representantes do poder municipal barbalhense.

Que naquele tempo saiu três pessoas na secretaria de cultura, três. Hoje tem vinte e duas. É por isso que a coisa tá mais difícil pra nós,

por que tem mais empregado pra comer que pra gastar com os grupo folclórico. Eu tenho um trajo aí só vendo, eu pedi quinhentos espeí vei trezentos e setenta pra dezoito pessoa e eu tenho um ali e eu lhe mostra agora pra você ver, é cento e vinte só na capa e no peitoral, cento vinte espeí. Olhe foi daqui [fez um gesto passando a mão no rosto para dizer que foi com o próprio suor], eu fui mais o outro mestre pro Crato e fomo comprar enfeito, nós compremo foi quinhentos e noventa de enfeito e espeí. Espontânea vontade e gosto nosso. Aí um cachêzim de trezentos reais, aí desconta cinco por cento. É agora num sei pra que é esses cinco se é pra seguro, se é pa... num sei não. Quando chega aqui eu quebro a cabeça pra fazer o racha pra dezoito pessoa, porque num vou pegar um adulto já vei de idade da igual a menino pequeno. Aí quando eu faço o racha, o menino que vai ganha onze, doze aí diz, mas fulando de tal ganhou vinte e cinco. Mar rapaz, mas foi ele. Aí dá uma confusão danada, pois num vou não, bote outro. Aí fica descontrolando (Santos, 17 jan. 2010)⁶.

Veja que o mestre do reisado levanta algumas questões interessantes a serem refletidas. Na sua percepção, o déficit no apoio por parte do poder público municipal se deu devido ao aumento no número de funcionários públicos, o que resultou em mais despesas para os mestres e na redução do pagamento aos brincantes dos grupos. Descontentes pela baixa quantia recebida, muitos dos participantes desistem da prática ou passam a atuar em outros saberes que desfilam da festa de Santo Antônio.

A partir do estabelecimento do cortejo na Festa de Barbalha, vários grupos foram inventados sob as referências de antigas práticas rituais ou cotidianas em desuso, entre as quais estão a Dança do Coco, Dança do Milho, Dança da Maresia e as Incelências. Sobre esta última, pode-se dizer que:

Durante muito tempo a palavra incelência dizia respeito a alguns cânticos fúnebres bastante comuns nas práticas religiosas do catolicismo sertanejo. Porém, também no início da década de setenta do século XX foi “criado” por alguns funcionários da Secretaria de Cultura de Barbalha, um grupo de mulheres (todas residentes no Sítio Cabeceiras) chamado de incelências, como referência aos cânticos entoados por elas durante as sentinelas de algum membro da comunidade. Esse grupo de mulheres também participa das festividades dedicadas a Santo Antônio de Barbalha, assim como já participaram de apresentações por todo o território brasileiro. Essas afirmativas têm como base o próprio relato de algumas de suas participantes. (Bezerra, 2010, p. 84-85).

As incelências passaram a atuar nos eventos em conjunto com os penitentes. Essa parceria se deu por meio do incentivo do poder público municipal e pela necessidade de adequação às novas necessidades para assim continuar existindo enquanto prática cultural. Inovações desse tipo se enquadram no que o historiador Eric Hobsbawm chama de “invenção das tradições”, que

Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. (Hobsbawm, 2008, p. 9).

As inovações tentam inculcar certos hábitos e valores mediante a repetição e estabelecimento de uma ideia de continuidade com o passado histórico. Suas construções institucionalizadas tiveram como objetivo criar um sentimento de identidade e tradição, assim como, desenvolver o mercado turístico cultural da localidade.

Nesse contexto, diversas práticas culturais são apresentadas como “folclore”, provavelmente herança dos ideais divulgados pelos intelectuais ligados ao Instituto Cultural do Cariri - I.C.C., existente na vizinha cidade do Crato nos anos 50 do século passado, e que de acordo com Silva (2009) foi o grande responsável por criar uma cultura histórica na região que discursava sobre o passado e a importância de se preservar o folclore caririense. Nota-se que ainda hoje muitas dessas práticas se autoconceituam assim; mas não se pode deixar de considerar que esta categorização esconde a historicidade de tais práticas.

Cada nova administração municipal quer deixar sua marca na Festa de Santo Antônio, e as modificações continuam acontecendo ano após ano. É evidente que a dinâmica é a marca por excelência dos bens imateriais, sendo indispensável ao trabalho de registro da Festa do pau da bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, proposto e encaminhado pela Superintendência do IPHAN no Ceará, levar em consideração esses aspectos. Nosso intuito foi de contribuir para a percepção e o entendimento de parte das relações que engendram a Festa, a partir da movimentação gerada pelas interfaces e disputas entre os grupos populares que compõem o cortejo folclórico realizado no dia de abertura da Festa, notadamente os grupos de Reisado de Congo.

Notas

1 Diário Oficial do Estado do Ceará, 25 ago. 2003.

2 Para maiores informações ver Marques (2004) e Silva (2010).

3 GOMES, Serginaldo. **Serginaldo Gomes**. Entrevista [14 jan.]. Entrevistadora: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2010.

4 SANTOS, Francisco Belisário dos. **Francisco Belisário dos Santos**. Entrevista [17 jan.]. Entrevistadora: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2010.

5 Idem.

6 Esse relato faz parte do acervo das entrevistas realizadas por Simone Pereira da Silva.

Referências Bibliográficas

BARROS, Leandro Gomes de. **A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás e A Prisão de Oliveiros e seus companheiros**. Coleção Luzeiro Literatura de Cordel. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1913.

BARROSO, Raimundo Oswald Cavalcante. **Reis de Congo**. Fortaleza: Ministério da Cultura; Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais; Museu da imagem e do Som, 1996.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2010.

BEZERRA, Sandra Nancy. **Irmandades de penitentes do Sítio Cabeceiras (Barbalha – CE): penitência e autoflagelo**. Monografia de especialização. Crato: URCA, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Tradução de Sergio Miceli. São Paulo: Edusp, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Cultura no Plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

EADE, John; SALLNOW, Michael (Org.). **Contested the sacred: the Antropology of christian pilgrimage**. Nova York: Routledge, 1991.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

HOBBSAWM, Eric & TERENCE, Ranger. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade - (re) inventando o sertão nordestino na década de 70**. São Paulo: Annablume, 2004.

MEYER, Marlyse. **De Carlos Magno e outras história: cristãos e mouros no Brasil**. Natal: Ed. Universitária UFRN, 1995 (Col. “Humanas Letras”).

PAZ, Renata Marinho et al. PROJETO CARIRI: experiências com o INRC e discussões metodológicas. In: **Anais do Congresso Internacional e História e Patrimônio cultural**: memória, ensino e bens culturais. Teresina, Piauí, ago./ 2008. p. 1-6.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa**: (re) significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha - CE (1960-1970). Dissertação (Mestrado em História e Cultura Histórica). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2011.

_____. Do Folclórico ao Popular: representações e apropriações do Reisado de Congo no município de Barbalha (1970 - 1980). In: **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**: Por uma est(ética) da beleza na História. Fortaleza, ANPUH, 2009.

SOUZA, Océlio Teixeira de Souza. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE)**: entre o controle e autonomia (1928-1988). Dissertação (Mestrado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

VASSALO, Ligia. **A canção de Rolando**. Tradução de Ligia Vassalo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.